

ÉMILE BENVENISTE E A LITERATURA: AMPLAS PERSPECTIVAS PARA UM ESTUDO ENUNCIATIVO

ÉMILE BENVENISTE AND LITERATURE: BROAD PERSPECTIVES FOR AN ENUNCIATIVE STUDY

Isabela Barbosa do Rêgo Barros¹
Austriclínio Bezerra de Andrade Neto²

Resumo: Este artigo apresenta uma contribuição aos estudos atuais da enunciação, no intuito de promover uma (re)aproximação da Literatura com a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste. Ele atende ao convite do próprio Benveniste que, ao finalizar seu célebre artigo *O aparelho formal da enunciação* (1970), sugere a possibilidade de muitos desdobramentos e amplas perspectivas para a continuidade dos seus estudos. Os textos *A forma e o sentido da Linguagem* (1966), *Esta língua que faz a história* (1968) e *A semiologia da língua* (1969), juntamente com os textos póstumos *Baudelaire* (2011) e *Últimas aulas no Collège de France* (2012), são evocados para fornecer elementos substanciais para esta reflexão - pistas que contribuem para alargar os horizontes teóricos benvenistianos -, revelam que a literatura, em especial a poética, ocupou um espaço importante dos estudos do linguista sírio-francês, o que justifica a inclusão da Literatura em uma abordagem enunciativa.

Palavras-chave: Émile Benveniste. Enunciação. Literatura.

Abstract: This article presents a contribution to the current studies of enunciation, in order to promote a (re)approximation of Literature with the Theory of Enunciation by Émile Benveniste. It responds to the invitation of Benveniste himself who, at the end of his famous article *The formal apparatus of enunciation* (1970), suggests the possibility of many developments and broad perspectives for the continuity of his studies. The texts *Form and meaning in Language* (1966), *This language that makes history* (1968) and *The semiology of language* (1969) together with the posthumous texts *Baudelaire* (2011) and *The latest lessons at Collège de France* (2012), which are evoked to provide substantial elements for this reflection - clues that contribute to broadening benvenistian theoretical horizons - reveal that literature, especially poetics, occupied an important space of the Syrian-French linguist studies, which justifies the inclusion of literature in an enunciative approach.

Keywords: Émile Benveniste. Enunciation. Literature.

Introdução

- A linguagem poética tem interesse para a linguística?
- Imensamente. Mas este trabalho apenas começou.

Émile Benveniste. *Esta língua que faz a história* (1968).

¹ Doutora em Letras. Professora do PPG em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco. Desenvolve atualmente o projeto de pesquisa “Aspectos da língua(gem) na perspectiva enunciativa.

² Doutorando do PPG em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco. Professor do Centro de Ensino Superior de Arcoverde.

A resposta de Émile Benveniste (1902-1976) a Guy Dumur (1921-1991) em 1968, apenas dois anos antes da publicação do artigo *O aparelho formal da enunciação*, sobre a importância da linguagem poética para a linguística revela, explicitamente, que a literatura ocupava espaço nos estudos do linguista sírio-francês. No entanto, em *O aparelho*, considerado um texto basilar e síntese de todo o seu pensamento enunciativo, a referência a essa dimensão da linguagem é marginal, sutilmente apresentada em seu último parágrafo, velada e diluída na referência à enunciação escrita e aos seus planos enunciativos.

Dado o caráter teórico que o artigo apresenta, poder-se-ia perguntar se a referência à literatura deveria ter sido mais explícita, incorporando-a, definitivamente, aos estudos enunciativos ou, também, de um modo mais ponderado, poder-se-ia questionar se a linguagem literária é, de fato, de interesse da linguística da enunciação.

Não se pode equacionar, definitivamente, essa problemática. Não há publicações de Émile Benveniste sobre esse ponto específico, pelo menos no sentido da elaboração de um texto destinado total ou parcialmente à linguagem literária. No entanto, mesmo não tendo escrito sobre a literatura, sua obra é marcada por ela em toda a sua extensão. Vier (2016b) relata que dos quarenta e oito artigos publicados nos livros *Problemas de Linguística Geral I e II*, treze apresentam trechos de obras literárias, especialmente poemas, e conclui: “acreditamos, assim, que a literatura esteja presente nos estudos de Benveniste porque ela possibilita problematizar a linguagem e desafiar a linguística a progredir” (VIER, 2016b, p. 81).

Acrescente-se a esse testemunho as publicações póstumas conhecidas como *Baudelaire e Últimas aulas no Collège de France*, que vieram a público nos anos 2011 e 2012, respectivamente, para que um panorama mais claro se apresente e corrobore o entendimento que os estudos enunciativos benvenistianos contemplam a literatura de uma forma natural e, ao mesmo tempo, espontânea.

Podem-se conjecturar, se for oportuno, razões plausíveis para essa visível ausência, tentando entender o porquê que Benveniste não faz referência direta à literatura em seu texto mais importante.

A primeira razão é que *O aparelho formal da enunciação*, que representa para muitos um epítome, fruto de três décadas de dedicados estudos enunciativos, não contempla algumas importantes questões. Notas de rodapé no artigo, por exemplo, direcionam o leitor para outros trabalhos nos quais pontos da enunciação são trabalhados. É assim com referência ao aspecto semântico da enunciação, quando o linguista faz alusão ao texto *Semiologia da Língua*

publicado um ano antes, em 1969, na revista francesa *Semiotica*,³ ou quando discute a temporalidade enunciativa e direciona o leitor para outros trabalhos publicados no primeiro tomo de *Problemas de Linguística Geral*.⁴

O volume ao qual Benveniste faz referência no artigo compreende 28 trabalhos publicados entre os anos de 1939 e 1963. Nesses artigos, como destaca Flores (2019b), questões pertinentes à enunciação são apresentadas: a distinção pessoa/não pessoa, forma/sentido e semiótico/semântico. Entende-se, assim, que o que se convencionou chamar de trabalho síntese, o texto de 1970, inclui, como se vê, ausências de temáticas enunciativas.

Outro ponto relevante é que a chamada Teoria da Enunciação de Émile Benveniste constitui uma designação atribuída. É mais uma dedução feita pelos seus leitores, do que o fruto de uma intencionalidade explícita. Não há registro, como destaca Flores (2019b, 2013), que Benveniste tenha assumido o desenvolvimento de uma teoria da enunciação; pelo contrário, em suas produções, em nenhum momento, utiliza essa expressão. Ao que parece, ele não tentou escrever sua própria teoria e o seu trabalho não pode ser compreendido como teórico e metodologicamente acabado ou mesmo em construção.

E, por último, o entendimento que Benveniste, infelizmente, não concluiu os seus estudos. Em 06 de dezembro de 1969, o linguista sofre um acidente vascular cerebral (AVC) que o deixa paralisado e afásico. Cinco anos depois, em 1976, aos 74 anos, ele morre em Versalhes, França. Seu adoecimento e morte prematura, em pleno processo produtivo, interromperam sua produção teórica.

Tais apontamentos podem não justificar a ausência de referência explícita à literatura no artigo *O aparelho formal da enunciação*, mas explicam essa situação.

Esse incômodo pode aparentar, a princípio, em uma certa leitura, que a produção de Benveniste, no que se refere à enunciação, se enquadraria na categoria de um trabalho inacabado, incompleto. Sobre o argumento de que a Teoria da Enunciação seria uma teoria inacabada, a observação de Kristeva (2014) refuta a profundidade do julgamento, estabelecendo um patamar razoável para sua compreensão. Diz a pesquisadora: “Às vezes se diz que Benveniste deixa uma ‘obra inacabada’, empregando uma fórmula que corre o risco de subestimar o alcance dos textos” (KRISTEVA, 2014, p. 33). É evidente, e a própria Kristeva reconhece, que há um caráter inconcluso na obra benvenistiana por várias razões,

³ “*Tratamos disso particularmente num estudo publicado pela revista Semiotica, I, 1969 (cf. acima, p. 43-66).*” Nota de rodapé em Benveniste (2006, p. 83).

⁴ “*Os detalhes dos fatos de língua que apresentamos aqui de um modo sintético, estão expostos em muitos capítulos de nossos Problèmes de linguistique Générale, I (Paris, 1966), o que nos dispensa de insistir sobre eles.*” Nota de rodapé em Benveniste (2006, p. 85).

inclusive por seu adoecimento e interrupção abrupta de sua vida acadêmica, mas não significa que seu pensamento, mesmo rotulado, não contemple elementos validadores para um estudo enunciativo. A ausência sentida em *O aparelho*, longe de ser interpretada como uma expulsão, pode ser melhor entendida como um ato deliberado e intencional sim, mas não fruto de uma desconsideração ou desvalorização da temática literária. Acredita-se que, se tivesse tido tempo, algo poderia ter sido publicado.

Este artigo pretende contribuir nessa discussão, sugerindo ser apropriado promover uma (re)aproximação da literatura com a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste. Decerto apenas uma possibilidade no enfrentamento desse dilema inquietante.

A enunciação em síntese

O conceito de enunciação faz referência ao processo pelo qual a língua é colocada em funcionamento por um enunciador. Em linhas gerais se refere ao ato de dizer (ou escrever). Abordagens sobre a enunciação estiveram presentes entre pensadores da linguagem há séculos. Fuchs (1985) destaca que a retórica aristotélica é sustentada em princípios que se compreende hoje como situação de enunciação (elementos do discurso: aquele que fala, o assunto sobre o qual se fala, aquele a quem se fala). A gramática clássica, com os estudos sobre as dêixis de Apolônio Díscolo (século II), reconhece a especificidade de termos que só obtêm valor determinado através da atualização momentânea que lhes confere a produção do enunciado em que aparecem.

Esse campo de estudo não é uma exclusividade benvenistiana. Diversos autores, de distintas bases epistemológicas, anteriores, contemporâneos e posteriores a Émile Benveniste contribuíram, e ainda contribuem, para o desenvolvimento de uma linguística enunciativa tais como: Jacqueline Authier-Revuz, Charles Bally, Mikhail Bakhtin, Michel Bréal, Patrik Charaudeau, Antoine Culioli, Oswald Ducrot, Catharine Fuchs, Algirdas Julius Greimas, Claude Hagège, Kate Hamburger, Roman Jakobson, François Récanati e Jean Starobinsk (GUIMARÃES, 2018; FLORES et al, 2017; HAMBURGER, 2013; FLORES 2013; FLORES; TEIXEIRA, 2012; FUCHS, 1985). No entanto, a literatura aponta Benveniste como o grande pensador, responsável por colocar a enunciação, de fato, nas reflexões linguísticas. Flores (2013) ressalta que Benveniste introduziu um conjunto de questões concernentes a uma linguística bastante diferenciada da que até então era feita. Com ele, os temas da subjetividade/intersubjetividade, da referência, da significação, da relação universal/particular tomam outras proporções. Como diz Guimarães (2018, p. 23): "há algo do seu trabalho que

permanece para além dos embates do período em que produziu o conhecimento que produziu". O que significa dizer que o seu pensamento continua influenciando os estudos linguísticos, quase meio século após sua morte.

Mas Benveniste somente consegue assegurar a divulgação de suas teses entre os linguistas, após a publicação do primeiro volume de *Problemas de Linguística Geral* e, de forma mais efetiva, com a publicação de *O aparelho formal da enunciação*. Até então desempenha, como diz Dosse (2018), um papel importante, mas subterrâneo, na linguística. Seja como for, as questões levantadas por Benveniste, como as sistematizadas em sua Teoria da Enunciação, marcaram o campo da Ciência da Linguagem, colocando-o no pedestal entre os mais influentes pensadores da linguagem, ao lado, por exemplo, de Ferdinand de Saussure, Roman Jakobson, Noam Chomsky e Mikhail Bakhtin. Suas reflexões sobre a enunciação impactaram significativamente várias disciplinas, tendo influenciado estudos para além da Linguística, como a Antropologia, a Comunicação, a Filosofia, a Fonoaudiologia, a Literatura, a Psicanálise e a Psicologia

O aparelho formal da enunciação

O artigo *O aparelho formal da enunciação* foi publicado inicialmente na revista *Langages*, em 1970, quando Benveniste já se encontrava enfermo, e foi incluído no segundo volume do livro *Problemas de Linguística Geral*, em 1974. O texto, como destacam Aresi (2019), Toldo (2018) e Flores (2013), representa o último dos trabalhos sobre enunciação.

Flores (2013) chama atenção para a relevância do artigo por três razões básicas: é o único texto que apresenta a palavra enunciação já no título; é possível encontrar referências a outras discussões feitas em textos anteriores (pessoa/não pessoa; forma/sentido; semiótico/semântico etc.); trata-se de um texto escrito para o público linguista com dedicação aos aspectos teórico-metodológicos da enunciação. Toldo (2018) complementa esse pensamento ao lembrar que, sendo um texto produzido para linguistas, foi possível tratar de temas próprios e específicos do campo, promover questionamentos sobre a linguística e, através dele, propor outras visões sobre os estudos da linguagem.

Didaticamente construído, o texto pode ser dividido, para efeito de apresentação, em cinco partes: i) apresentação da relevância do estudo enunciativo; ii) conceituação de enunciação; iii) aspectos teórico-metodológicos da enunciação; iv) apresentação do quadro formal da enunciação; v) e um convite para novos estudos enunciativos.

Apresentação da relevância do estudo enunciativo. No início do artigo, Benveniste (2006) se posiciona sobre a visão predominante dos estudos linguísticos de sua época, marcados pelo emprego das formas, com suas regras sintáticas, morfológicas e gramaticais, assumindo a necessidade de se olhar para a língua de uma outra perspectiva, relacionada ao seu emprego efetivo.

Conceituação de enunciação. A enunciação é definida como "colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização" e "o ato mesmo de produzir um enunciado" (BENVENISTE, 2006, p. 82). Tal definição, enfatiza Flores (2019a, 2019b, 2013), estabelece que não se trata do que é dito ou de um conteúdo transmitido, mas do fato de que se diz algo, que ele acontece e aparece. O ato como concebido nessa perspectiva, coloca em destaque a mobilização que o locutor faz da língua. Em outras palavras, a enunciação se situa entre a língua, como sistema de signos, e o seu exercício, o enunciado.

Aspectos teórico-metodológicos para o estudo da enunciação. Nessa parte do artigo, Benveniste apresenta um roteiro metodológico que revela o fenômeno enunciativo e sugere perspectivas de estudos. O primeiro aspecto é o vocal ou fônico. O segundo está relacionado à conversão da língua em discurso, a semantização. O terceiro e último, que explicitamente justifica o artigo e sobre qual se detém detalhadamente, é o quadro formal da realização da enunciação. Sobre os dois primeiros aspectos, a vocalização e a semantização, Flores (2019b) compreende que são legados benvenistianos para seus discípulos continuarem seus estudos e que foram explicitamente excluídos das reflexões em *O aparelho*, e por isso tratados sucintamente e não desenvolvidos. Tais observações, destaca Flores, não minimizam a importância deles, mas não os priorizam.

Apresentação do quadro formal da enunciação. Nesse ponto do artigo, Benveniste destrincha seu pensamento e revela a existência de marcas no interior dos enunciados que revelam o fenômeno da enunciação.

O quadro formal faz referência aos “caracteres formais da enunciação a partir da manifestação individual que ela atualiza” (BENVENISTE, 2006, p. 83). Caracteres que são “necessários e permanentes”, em uma perspectiva de universalidade e pertencente ao sistema linguístico e outros que são “incidentais e ligados à particularidade” dos idiomas. O que significa que há marcas da enunciação que são sempre as mesmas presentes em qualquer língua. E há marcas da enunciação que dependem de cada idioma.

Para Flores (2019b), o dito aparelho formal da enunciação não é algo que está pronto aprioristicamente e que caberia ao locutor acessar, tomar posse, mas é algo construído a cada enunciação a partir dos recursos da língua em cada situação.

Em seguida Benveniste sugere um roteiro para nortear os estudos enunciativos: “Na enunciação consideramos, sucessivamente, o próprio ato, as situações em que se realiza, os instrumentos de sua realização” (BENVENISTE, 2006, p. 83). O que, para Flores (2019b), significa que para o desenvolvimento de um estudo enunciativo deve-se descrever o ato, examinar a situação em que se dá esse ato e descrever os instrumentos linguísticos que permitem realizar o ato.

Ato

A língua é uma estrutura virtual e, como esclarece Benveniste (2006), antes da enunciação “não é senão possibilidade de língua” (BENVENISTE, 2006, p. 83). Mas quando o locutor se enuncia, a língua é efetuada em uma instância de discurso, pois emanada de um locutor ela atinge um ouvinte e suscita uma outra enunciação de retorno. O ato enunciativo benvenistiano “introduz em primeiro o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação” (BENVENISTE, 2006, p. 83). Esse locutor “se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor (BENVENISTE, 2006, p. 84). Nesse momento, em que se declara locutor e assume a língua, “ele implanta o outro diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro. Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocução, ela postula um alocutário” (BENVENISTE, 2006, p. 84). O ato, em Benveniste (2006, p. 87) é formado assim por um quadro no qual há “duas ‘figuras’ igualmente necessárias, uma, a origem, a outra, fim da enunciação”. O locutor e o alocutário são figuras que se alternam no protagonismo da enunciação, a cada momento que tomam, para si, a posição de locutor parâmetro. Para Flores (2019b), isso significa dizer que para descrever o ato enunciativo é necessário situar os interlocutores (o locutor e o alocutário).

Situação

Quanto à situação enunciativa, Benveniste (2006, p. 84) compreende que a “língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo.” Condição essa que é, para o locutor “a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente”(BENVENISTE, 2006, p. 84). Configura-se como uma condição que rege “todo o mecanismo de referência no processo de enunciação” e “é parte integrante da

enunciação.” Essa situação, esclarece Benveniste (2006, p. 84), “vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com a enunciação.” Essas formas específicas são: i) primeiramente a emergências dos índices de pessoa – a relação eu-tu; ii) os numerosos índices de ostensão – este, aqui etc.; iii) as formas temporais.

Flores (2019b) explica que não se trata de uma relação da língua com o mundo, mas de uma relação que está na dependência da enunciação e que, na Teoria da Enunciação, a referência não é o referente. A referência, enfatiza, é um sentido construído na interlocução. Ainda para Flores (2019b), o locutor e o alocutário constroem um sentido singular acerca do que falam, pois, a referência não é dada no mundo, mas é construída na enunciação. A referência depende de um mecanismo específico introduzido pelo ato enunciativo: a instância do discurso, significando o conjunto das circunstâncias que inclui a situação do discurso, isto é, as coordenadas de tempo, espaço e pessoa.

Instrumentos

Compreendendo a enunciação como um processo de apropriação da língua por um locutor, Benveniste (2006, p. 84) declara que essa apropriação se processa “por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro.” O que seriam os instrumentos linguísticos que o locutor agencia no exercício do dizer? Benveniste (2006) apresenta uma explicação para essa indagação: o primeiro dos índices é o índice de pessoa, que para ele, não se produz senão na e pela enunciação (relação *eu-tu*); o segundo, seria os índices de ostensão - termos que implicam um gesto que designa o objeto ao mesmo tempo que é pronunciada a instância do discurso (este, aqui etc.); e o terceiro, as formas temporais que coincidem com o momento da enunciação. Ou seja, os índices específicos são os mesmos caracteres necessários e permanentes da língua apresentados anteriormente por Benveniste

Recorrendo a Aresi (2012; 2011), para ampliar o entendimento desses instrumentos, Flores (2019b) sugere que eles podem ser os pronomes pessoais, indicadores dêiticos pronominais e adverbiais, tempos verbais, verbos modalizadores e performativos, os quais permitem que o locutor, ao se apropriar da língua, designe-se como sujeito. Assim, os índices específicos da enunciação correspondem às categorias de pessoa, tempo e espaço: o aqui-agora do locutor.

E os procedimentos acessórios? Benveniste (2006) apresenta uma resposta, ainda que incompleta. Considera a existência de diversos procedimentos utilizados na enunciação que fornecem as condições necessárias às grandes funções sintáticas, utilizadas pelo locutor para se marcar e influenciar o alocutário. Eles seriam: i) *a interrogação* – que é uma enunciação construída para suscitar uma resposta; ii) *a intimação* – ordens, apelos concebidos em categorias como o imperativo e o vocativo; iii) *a asserção* – que visa comunicar uma certeza; iv) *todos os tipos de modalidades formais que enunciam atitudes do enunciador pertencentes aos verbos ou à fraseologia* – tais como os verbos optativo e subjuntivo; os indicativos de incertezas, indecisão, recusa etc. Embora Benveniste não seja explícito sobre isso, Flores (2019b) considera que eles estão ligados à singularidade que cada enunciação evoca, portanto, à língua toda. Em outras palavras, todos os mecanismos que o locutor utiliza para construir a referência de seus discursos fazem parte dos procedimentos acessórios da enunciação: recursos sintáticos, lexicais, prosódicos. Para encontrar os procedimentos acessórios da enunciação, recomenda Flores, deve-se responder a indagações do tipo: Como o locutor/alocutário fez para dizer o que disse? Que mecanismos foram utilizados para dizer o que disse?

Em resumo, o aparelho formal da enunciação configura um mapeamento dos recursos linguísticos agenciados por um locutor no exercício do ato do dizer. Para acessar esse mecanismo e identificar seus elementos, um linguista examina o ato (o momento específico em que o locutor coloca em funcionamento a língua em um exercício dialógico com seu interlocutor), descreve a situação desse ato (a rede de referências que torna o ato compreensível) e descreve os instrumentos linguísticos utilizados pelo locutor (os caracteres indiciais e os acessórios). Está montado em Benveniste a estrutura linguística da enunciação.

Um convite para novos estudos enunciativos. Por fim, no último parágrafo, Émile Benveniste revela a necessidade da promoção de novos estudos, sugerindo, inclusive, temas para sua continuidade, como por exemplo, a enunciação escrita. Ele apresenta um convite para os estudiosos da linguagem: “Muitos outros desdobramentos deveriam ser estudados no contexto da enunciação” e “Seria preciso também distinguir a enunciação falada da enunciação escrita” (BENVENISTE, 2006, p. 90).

A enunciação além da síntese

A observação quanto às possibilidades de novos estudos e o convite apresentado, abrem, literalmente, o fenômeno enunciativo para diferentes perspectivas analíticas. Não é a

única menção feita no texto que aponta para a transcendência dos limites do artigo ou mesmo para outras abordagens. Algumas dessas menções são veladas, indiretas, mesmo simples insinuações. Outras, por outro lado, são categóricas, enfáticas e explícitas. Sejam tais alusões sutis ou expostas, evidencia-se um convite deixado para ampliar os horizontes enunciativos.

Uma dessas situações é encontrada logo no início do texto, quando são apresentadas possibilidades para um estudo enunciativo tais como os aspectos fônico, semântico ou formal. Nesse exemplo, Benveniste declara: “Este processo pode ser estudado sob diversos aspectos. Veremos, principalmente três” (BENVENISTE, 2006, p. 82). Esse “principalmente” é sugestivo e indica, logicamente, a existência de outros aspectos não apresentados por ele no texto, talvez considerados como secundários. Assim, veladamente, Benveniste aponta para outras perspectivas de estudos.

Em seguida, quando discorre sobre o aspecto semântico da enunciação, a conversão individual da língua em discurso, como o sentido se forma em palavras, o linguista insinua que a questão é “muito difícil e pouco estudada ainda” (BENVENISTE, 2006, p. 83). Se a semantização, em sua opinião, é pouco estudada, então novos estudos são necessários.

Mais à frente, uma outra sinalização aparece, quando reconhece as dêixis como caracteres demarcatórios do locutor na enunciação. Contudo ele pondera: “mas cuja análise teórica está apenas começando” (BENVENISTE, 2006, p. 84). Ou seja, há espaço para mais construções e reflexões sobre elas.

Ao se aproximar do final do artigo, quando utiliza o exemplo da comunhão fática de Malinowski para exemplificar os limites do diálogo, Benveniste novamente adverte: “A análise formal dessa forma linguística está por fazer” (BENVENISTE, 2006, p. 90). Revelando, mais uma vez, a existência de pontos relacionados à enunciação, que precisam ser linguisticamente compreendidos.

E, por fim, no último parágrafo, dessa vez, não mais veladas nem insinuadas em pistas, mas explicitamente apresentadas como evidências, Émile Benveniste afirma enfaticamente:

Muitos outros desdobramentos deveriam ser estudados no contexto da enunciação. Ter-se-ia que considerar as alterações lexicais que a enunciação determina, a fraseologia, que é a marca frequente, talvez necessária da ‘oralidade’. Seria preciso também distinguir a enunciação falada da enunciação escrita. Esta se situa em dois planos: o que se escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem. Amplas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso, a partir do quadro formal esboçado aqui (BENVENISTE, 2006, p. 90).

Nesse parágrafo final, Benveniste revela o que sustentamos aqui, a possibilidade de novas abordagens para o estudo do fenômeno linguístico da enunciação, que transcende o

exposto em seu derradeiro texto publicado sobre o tema. Incluindo, até mesmo, uma abordagem enunciativa da literatura.

Esse entendimento encontra respaldo em outros estudiosos que corroboram da mesma perspectiva, na compreensão de que o convite apresentado em seu artigo final pode possibilitar contribuições para o desenvolvimento da Teoria da Enunciação, e abarcar novas perspectivas de estudos.

De acordo com Aresi (2019):

Assim, se, por um lado, o texto de 1970 pode ser considerado como um “ponto de chegada” da reflexão enunciativa, por outro, ele configura-se também como um “ponto de abertura”, na medida em que é possível depreender, a partir de sua leitura, um movimento de ampliação do escopo teórico da enunciação em relação aos fatos da língua, ao mesmo tempo em que ele deixa, para estudos futuros, novas possibilidades de análise sob a perspectiva enunciativa. Este é o seu caráter programático (ARESI, 2019, p. 3).

Para Flores (2013):

Esse final é, certamente, um convite a dar continuidade ao pensamento de Benveniste. [...] Esse terceiro momento da teoria enunciativa benvenistiana é muito rico, tanto em função da sistematização que opera sobre o que o autor já disse sobre o assunto, quanto pelas perspectivas de debate que abre (FLORES, 2013, p. 172).

Esses pontos apresentados parecem satisfatórios para afirmar, sem transgredir os princípios enunciativos, que o pensamento de Émile Benveniste é amplo o suficiente para considerar outras perspectivas analíticas. Perguntamo-nos se os desdobramentos aos quais se refere em seu convite inclui a literatura. Defende-se, aqui, a resposta afirmativa.

As primeiras pistas literárias

Um olhar atento para os seus textos possibilita identificar não apenas excertos de poemas ou referências a autores, mas observações linguísticas que, como pistas, apontam para uma relação próxima que justifica um interesse enunciativo pela literatura. Na verdade, a maneira como esses posicionamentos se apresentam nos textos, mais do que insinuações e indícios, revelam uma relação que não se pode desconsiderar, mesmo não teorizada.

As menções que Benveniste faz à literatura nos textos presentes nos dois tomos de *Problemas de Linguística Geral* são significativas. Em 1966, apenas três anos antes de seu adocimento, em *A forma e o sentido da Linguagem*, apresentado originalmente no XIII Congresso da Sociedade de Filosofia de Língua Francesa, realizado na cidade de Genebra, Suíça, ele esclarece aos seus interlocutores em que domínio ele situa seus estudos da

linguagem. Nele somos surpreendidos com uma referência enigmática à literatura, notadamente a linguagem poética:

Nosso domínio será a linguagem ordinária, a linguagem comum, com exclusão expressa da linguagem poética, que tem suas próprias leis e funções próprias. A tarefa, concordarão, é ainda assim bastante ampla. Mas tudo o que se pode esclarecer no estudo da linguagem ordinária será de proveito, diretamente ou não, para a compreensão da linguagem poética também (BENVENISTE, 2006, p. 221-222).

Pontos interessantes nessa fala de Benveniste podem ser destacados. Em primeiro lugar a existência de leis e funções próprias para a linguagem literária que diferem da linguagem ordinária, na qual as suas análises linguísticas se desenvolvem. Trata-se, portanto, de um indicativo da necessidade de novas reflexões sobre o assunto. Em segundo lugar, apesar da observação sobre a peculiaridade da literatura, o linguista considera que os postulados linguísticos elencados por ele na análise da linguagem ordinária podem ser apropriados para as análises de obras literárias.

Uma outra referência à literatura é observada em uma entrevista concedida ao crítico literário Guy Dumur, em 1968, publicada inicialmente na revista semanal francesa *Le Nouvel Observateur*. A pergunta de Dumur é direta: A linguagem poética tem interesse para a linguística? A resposta de Benveniste é igualmente direta:

Imensamente. Mas este trabalho apenas começou. Não se pode dizer que o objeto de estudo, o método a ser empregado já estejam claramente definidos. Há tentativas interessantes que mostraram a dificuldade de se abandonarem categorias utilizadas para a análise da linguagem ordinária (BENVENISTE 2006, p. 37).

Isso equivale a dizer que ele considera que a linguagem literária demanda outra perspectiva analítica, e que ela estava sendo desenvolvida. Mas o processo carecia de um método investigativo próprio.

Por fim, encontra-se uma referência indireta, velada, presente no artigo *A semiologia da língua*, de 1969, publicado originalmente na revista *Semiotica*. Diz Benveniste (2006, p. 51): “Da escrita não diremos nada aqui, reservando para um exame particular este difícil problema”. Há implicações nessa afirmação. Não era ainda, em 1969, o momento específico de Benveniste teorizar sobre a escrita. No entanto, ele insinua existir uma ocasião particular para dissertar sobre ela, um espaço reservado para apresentar um estudo específico. Esse texto foi publicado no mesmo ano de seu fatídico AVC. O trabalho planejado não foi escrito. Seus estudos foram interrompidos.

As últimas pistas literárias

Nos anos de 2011 e 2012, duas publicações póstumas de Émile Benveniste vieram a público. Nelas se encontram discussões sobre a escrita e a literatura. Trinta e cinco anos após sua morte, as últimas pistas de uma aproximação entre a literatura e a teoria enunciativa benvenistiana (re)aparecem.

A primeira obra foi organizada por Chloé Laplantine e recebeu o nome *Baudelaire*, em referência ao poeta, teórico e crítico francês Charles Baudelaire (1821-1867). A publicação é decorrente de seu estudo de doutoramento, no qual a pesquisadora analisou o *Dossiê Baudelaire*, uma parte dos manuscritos de Émile Benveniste. O *Dossiê* é composto por 409 folhas de anotações dispostas em uma pasta que contém uma marcação manuscrita com o nome *Baudelaire*. A maior parte das anotações (386 folhas) são concernentes ao discurso poético e à poesia de Baudelaire (FENOGLIO, 2019; VIER, 2016a; FLORES, 2013).

Há advertências importantes sobre o referido dossiê e sobre a publicação de Chloé. No entanto, essas observações não diminuem o impacto positivo sobre os estudos enunciativos, pois revelam que Émile Benveniste, no final de sua vida produtiva, dedicava energia intelectual para estudar a literatura, particularmente a linguagem poética em Charles Baudelaire.

Entre as observações, Flores (2013) destaca que o *Dossiê* não apresenta uma linguagem linear, nem está articulado às demais produções de Benveniste, sugerindo que as anotações manuscritas representam um pensamento em elaboração. Fenoglio (2019, p. 254), na mesma direção, sugere que a argumentação no dossiê não se encontra acabada. Diz a pesquisadora: “Benveniste estava longe de ter fechado seu ‘ensaio’, ainda menos a redação de seu artigo”. No entanto, reconhece Fenoglio (2019), que não se constitui um problema levar Benveniste para o lado da literatura, mas adverte ser necessário compreender a amplitude do pensamento benvenistiano na linguística para a análise do *Dossiê*, concluindo ponderadamente: “o interesse pelo literário, nele, não é propriamente literário” (FENOGLIO, 2019, p. 254). Sobre essas observações nos manuscritos, Vier (2016a, p. 51-52) compreende que: “Não é porque não há texto lisível que o Dossiê Baudelaire deixe de trazer precioso material sobre a teoria da enunciação de Benveniste.”

Ao se analisar excertos do manuscrito, observa-se, dessa vez, não apenas insinuações, mas tentativas de formulações conceituais. Neles, Benveniste não se omite em discutir a poética. Ele estava, nitidamente, construindo uma abordagem linguística da literatura que, provavelmente, teria implicações em sua teoria da enunciação.

Convém averiguar alguns trechos do manuscrito Baudelaire, conforme apresentado por Fenoglio (2019):

Língua poética. Vejo agora que uma das chaves do problema é a distância entre o significado das palavras e o intencado do enunciado (FENOGLIO, 2019, p. 227).

A teoria da língua poética está ~~ainda por vir~~ < não existe ainda > Este ensaio tem como objetivo acelerar um pouco o advento disso (FENOGLIO, 2019, p. 228).

A linguagem poética. Acredito ver agora a chave do problema que a linguagem poética coloca (isto é, para mim, a de Baudelaire) enquanto problema linguístico (FENOGLIO, 2019, p. 231).

Abordagem do tema.

Na linguagem ordinária, há uma reação necessária da língua com o mundo e um consenso necessário sobre esse acordo.

Os signos têm, portanto, uma referência, e as frases têm uma também, que é o estado de coisas, a situação, à qual o sentido global da frase se refere.

Porém, na linguagem poética, as relações são bem diferentes. É uma língua em que o poeta fala sozinho, < uma língua > que não é mais uma convenção coletiva, mais expressão totalmente pessoal única.

[..]

Ora, ~~essa língua~~ < o discurso poético > não tem “referência” objetiva, a não ser a experiência íntima do poeta (FENOGLIO, 2019, p. 239).

Porém, a linguagem poética é o enunciado da experiência. Proceda da experiência e comunica a experiência, mas, na condição de linguagem, trata-se de uma verbalização (e conceitualização) da experiência vivida.

A impressão é transposta em discurso, enquanto a ideia é enunciada em discurso. [...] (FENOGLIO, 2019, p. 240)

Mesmo sendo uma construção inacabada, as pistas deixadas em *Baudelaire* reforçam, ainda mais, a importância e a validade do seu convite em *O Aparelho*, de que “muitos outros desdobramentos deveriam ser estudados no contexto da enunciação (BENVENISTE, 2006, p. 90)”, mesmo uma abordagem enunciativa que abarque a literatura. Fenoglio (2019) considera que as anotações presentes no *Dossiê Baudelaire* foram escritas entre 1968 e 1969. Portanto, no mesmo momento histórico da elaboração de *O aparelho formal da enunciação*, publicado em 1970.

A segunda obra póstuma é o livro *Últimas aulas no Collège de France*, publicado por Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio, em 2012. A obra apresenta anotações utilizadas por Émile Benveniste em suas derradeiras aulas ministradas e compreendem o período entre dois de dezembro de 1968 a primeiro de dezembro de 1969, totalizando 16 aulas. O livro foi organizado com base nos textos originais e nas anotações de Jean-Claude Coquet e Claudine Normand (1934-2011), que estiveram presentes. Não há em *Últimas aulas* uma aula específica ou anotações particulares sobre a literatura.

A partir da aula oito, nomeada *A Língua e a Escrita*, o linguista se dedica a pensar a relação da língua com a escrita, no seu aspecto de dupla significância. Flores (2018), no

entanto, chama a atenção para a concepção de escrita presente em *Última aulas no Collège de France*, que difere de enunciação escrita apresentada em *O aparelho*.

Por fim, uma última pista de Benveniste que se soma às demais aqui apresentadas, pois, como as outras, diz muito em suas entrelinhas: uma discreta e sutil insinuação datada de 24 de março de 1969, na aula de número quinze:

Nós estamos no início de uma reinterpretação de numerosos conceitos (todos aqueles que dizem respeito à língua). A própria noção de “língua” deve ser mais ampla; ela deve compreender mais noções do que aquelas que lhe foram atribuídas (BENVENISTE, 2014, p. 182).

Quais seriam os conceitos linguísticos a que se refere? Seria o caso de incorporar a literatura à sua teoria da enunciação?

Últimas aulas no Collège de France possui um caráter inconcluso, a semelhança de *Baudelaire* e de *O aparelho formal da enunciação*. Essa característica não representa, no entanto, o fim da linha, no sentido do encerramento da discussão sobre a literatura em Émile Benveniste. Pelo contrário, as pistas levantadas, configuram-se, na verdade, oportunidades partilhadas com os estudiosos da linguagem, para que os estudos continuem.

O convite apresentado nas linhas (e nas entrelinhas) indica que Émile Benveniste não se propôs a fechar seu pensamento em uma teoria acabada, estando sua linguística ainda se desenvolvendo em amplas perspectivas. É difícil conceber que a escrita (*Collège de France*), a enunciação (*O aparelho formal*) e a poética (*Baudelaire*), projetos de estudos simultâneos realizados por ele, entre os anos de 1968 e 1969, não façam parte de um movimento convergente de estudo da linguagem que foi interrompido pela sua morte. Pensar a literatura em sua Teoria da Enunciação não soa estranho, tendo em vista as pistas que apresenta. Há, ainda, a questão do método para se explicar. Esse, parafraseando o texto de 1968, ainda não está claramente definido, embora haja tentativas interessantes.

Considerações finais

Procuramos, com este texto, atender ao convite de Benveniste de nos inserir em uma rede de discussão para alargar os horizontes teóricos da enunciação observando, em seus textos, as pistas deixadas por ele, para a continuidade de seus estudos. Particularmente o entendimento que a Teoria da Enunciação benvenistiana é suficientemente ampla para abarcar a linguagem literária e que, embora não tenha sido incluída, explicitamente, em seus trabalhos publicados, era uma dimensão que ocupava espaço em seus estudos, como se observa nas pistas deixadas por ele nos textos e nos manuscritos.

O convite permanece atual e válido e, certamente, autoriza os estudiosos da linguagem a procurarem novas abordagens para considerar/pensar/refletir naturalmente a literatura em Émile Benveniste. Como afirmou o linguista sírio-francês: “Muitos outros desdobramentos deveriam ser estudados no contexto da enunciação. [...] Amplas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso, a partir do quadro formal esboçado aqui” (BENVENISTE, 2006, p. 90).

Referências

- ARESI, Fábio. A prospecção de “O aparelho formal da enunciação”. *Letrônica*, 12, p. 1-14. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2019.2.32486>. Acesso em: 06 mar. 2021.
- ARESI, Fábio. Os índices específicos e os procedimentos acessórios da enunciação. *ReVEL*, [s.l.], v. 9, n. 16, p. 262-275, mar. 2011. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_16_os_indices_especificos.pdf. Acesso em: 06 mar. 2021.
- ARESI, Fábio. Síntese, organização e abertura do pensamento enunciativo de Émile Benveniste: uma exegese de o aparelho formal da enunciação. 2012. 206 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/55981>. Acesso em: 06 mar. 2021.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. 5a. ed. Campinas: Pontes, 2006.
- _____. *Problemas de Linguística Geral I*. 2a. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- _____. *Últimas aulas no Collège de France (1968-1969)*. São Paulo: Unesp, 2014.
- DOSSE, François. Benveniste: a exceção francesa. In: *História do Estruturalismo: o campo dos cisnes, de 1967 a nossos dias*. v. 2. São Paulo: Unesp, 2018. p. 69-84.
- FENOGLIO, Irène. *A gênese de um pensamento*. Brasília: Universidade de Brasília, 2019.
- FLORES, Valdir do Nascimento Flores; BARBISAN, Leci Borges; FINATTO, Maria José Bocorny; TEIXEIRA, Marlene. *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2017.
- FLORES, Valdir do Nascimento. A enunciação escrita em Benveniste: notas para uma precisão conceitual. *DELTA [online]*, 34, 395-417, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445041033947774307>. Acesso em: 06 mar. 2021.
- _____. A linguagem e as línguas. In: *Problemas gerais de linguística*. Petrópolis: Vozes, 2019a, p. 37-81. (Coleção de linguística).
- _____. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola. 2013.
- _____. Teoria da Enunciação. In: ROMERO, Márcia; GOLDNADEL, Marcos; RIBEIRO, Pablo Nunes; FLORES, Valdir do Nascimento. *Manual de Linguística: Semântica, pragmática e enunciação*. Petrópolis: Vozes, 2019b, p. 146-173.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. (Edição Kindle).
- FUCHS, Catherine. As problemáticas enunciativas: esboço de uma apresentação histórica e crítica. *Alfa*, São Paulo, 29, p. 111-129, 1985. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3759/3482>. Acesso em: 06 mar. 2021
- GUIMARÃES, Eduardo. O interesse de Benveniste. In: AGUSTINI, Cármen; RODRIGUES, Eduardo (Orgs.). *Uma vida pela linguagem: homenagem a Émile Benveniste*. Campinas: Pontes, 2018, p. 23-56.

HAMBURGER, Kate. *A lógica da criação literária*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. (Estudos: 14).

KRISTEVA, Julia. Émile Benveniste, um linguista que não diz nem oculta, mas significa. In BENVENISTE, Émile. *Últimas aulas no Collège de France*. São Paulo: Unesp, 2014, p. 29-66.

TOLDO, Cláudia. O aparelho formal da enunciação: que aparelho é este? *Desenredo*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 14, n. 3, p. 424-434, set./dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5335/rdes.v14i3.8607>. Acesso em: 06 mar. 2021.

VIER, Sabrina. Dossiê Baudelaire e a enunciação. In: SILVA, Silvana; CAVALHEIROS, Juciane. *Atualidade dos estudos enunciativos*. Curitiba: Prisma. 2016a. p. 39-35.

VIER, Sabrina. Émile Benveniste e a Literatura. *ReVEL*, edição especial n. 11, 2016b. p. 70-83. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/c3836d9b4deadedd3a847c02e39dda8d.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2021.

Recebido em: 08/03/2021; Aceito em: 11/05/2021.